

# PITORESCA E HISTÓRICA

POR MIGUEL MATOS

Na exposição que Ana Fonseca apresentou recentemente na Galeria Antiks Design, uma advertência tornava claras as intenções da artista: «Todas as personagens, situações e locais descritos neste trabalho são baseados na vida real. Quaisquer semelhanças com pessoas reais, vivas ou mortas, estão longe de serem coincidência». Com este mote, inicia-se uma *Viagem Pitoresca e Histórica a Portugal* - um território de coentradadas e intrigas, como se acedêssemos ao fundo biográfico de Ana Fonseca. Chegada do Brasil a Portugal montada numa cama viajante cheia de memórias e expectativas. Ela plantou no chão e nas paredes da galeria Antiks Design uma efabulação da sua própria vida e dos acontecimentos que a ligam a Portugal e às suas raízes familiares. Pelo caminho há lendas alentejanas, herdades, ovelhas mortas, baixelas destruídas, "cíclopes açodófagos", um endeusado auto-retrato e alguns bastardos sacaninhas. Tudo para desaguar num país onde o lema é "Comer bem e Dizer mal"!

ANA  
FONSECA





Ana, esta exposição revela a tua vida em fragmentos e histórias mal contadas...

Ainda estava eu em Londres quando comecei a pensar nas minhas raízes. Eu antes disso não falava sobre a identidade. Comecei então a pensar nisto como um plano. Em 2008 decidi esquematizar estas coisas.

Então criaste uma cronologia num enorme desenho que inclui toda a tua vida, com acontecimentos antes da tua vida e até mesmo acontecimentos futuros...

Imagina que os meus pais não se tinham casado... Se assim fosse eu não existia... Mas há outras coisas... Quando comecei a fazer a ligação Brasil-Portugal-Inglaterra, D. Catarina de Bragança foi a primeira figura que surgiu na minha cabeça, porque era mulher, era controversa... Vai para Londres muito nova, mas muito velha para casar... Não era minha ancestral directa, mas descobri que era indirecta. Nesta linha fui-me lembrando de referências e outras coisas que incluí. Tudo em fragmentos.

Fragmentos que se sobrepõem para compor uma imagem?

Isto não é a verdade. É a minha versão dos factos. Muito pessoal e com

malas. As caixas pretas são a despedida, saber que não há volta. Estas caixas de cartão são as que eu guardei da vinda do Brasil. Está cá um bocado da minha vida. Há as latas da colecção de latas antigas do meu irmão... raquetes para fazer de remo, vestígios daquilo que eu pensava ser a cultura europeia... Imagens, gravuras, retratos... a minha vinda para Portugal é saber imenso mas nunca ter tido a experiência sem ser nas férias. Há peças partidas que a minha avó guardava porque gostava. Ela morreu em 1985 e ficou uma prateleira de cacos, tudo peças partidas e eu sempre quis fazer uma peça assim.

É uma nave psicanalítica...

Até tem uma escultura da mãe a brigar com a filha... Doe um bocado fazer este trabalho, pois implicou mexer nas emoções todas.

As coisas estão montadas e coladas com esta fita adesiva amarela que usas em muitas peças tuas...

É uma coisa que eu gosto. É aquela coisa colada com cuspo. Não é permanente, é o desenrasque.



alfinetadas à mistura!

E o que significa «Phaisca is born», no meio desta cronologia?

Essa é a minha alcunha...

Outra expressão curiosa: «Eu cheguei para complicar, não para explicar».

É a frase que se lê nesta estranha instalação ancorada no meio da Galeria...

É uma frase do Chacrinha! Achei perfeita. Eu quero mesmo complicar e instalar o pânico! Espalhar o terror! Esta cama simboliza vinte anos. Foi traumático quando eu vim do Brasil para Portugal. Nasci lá e vim para cá com 13 anos. A idade mais complicada de sempre. A idade da mudança. A minha infância teve data marcada para acabar. Em Janeiro soube que me ia embora em Abril. E entrei num mundo em que havia nove irmãos do meu pai, e a história das partilhas dos dois lados da família... Uma coisa muito típica portuguesa.

Pois, porque a tua família é portuguesa... Porque é que nasceste no Brasil?

O meu pai era publicitário cá e depois ficou sem emprego. Então, ou ficava na Europa ou ia à aventura e foi para o Brasil, São Paulo. Quando voltámos foi complicado. Naquela altura foi muito difícil voltar. Voltar para um sítio onde já viveste é sempre difícil. Achas que vai ser parecido e não é. Os meus pais tinham mudado muito e os amigos deles, alguns, ainda eram mais fechados do que antes. Eu era uma estrangeira cá. Foi um choque. Fui estudar para as Doroteias. A minha escola no Brasil era no meio do mato. Obviamente que fui expulsa. Sempre tive mau feitio. Os meus coleguinhas achavam que eu estava ali, mas devia era ser a empregada, porque a empregada deles era brasileira. Eu nessa altura fiz um esforço muito grande para perder o sotaque, para me integrar.

Logo, esta cama/navio/nave espacial no centro da exposição simboliza essa viagem...

É a história da confusão. A cama já foi minha, da minha mãe, da minha irmã... veio de cá para o Brasil e voltou. Estas coisas todas em cima da cama são a antecipação da viagem, quando pões tudo em cima da cama para fazer as

Há uma predominância do desenho na exposição. Por vezes ligando elementos desconcertantes e apresentando objectos inusitados como um desenho em que o protagonista é um limão.

O limão... Quando eu ainda estava no Brasil, pensava que vivia no sítio errado. Nos livros da escola, que eram quase todos americanos traduzidos, a realidade mostrada era a desses países. Havia coisas básicas como facto de o limão ser amarelo. Ora no Brasil não havia limões, só limas. Então eu pensava que o limão tinha a cor errada. Outro exemplo: no Natal fazia calor; logo era um país errado. Fazia calor e havia neve artificial, logo eu pensava que eu é que estava mal. Agora temos uma literatura infantil nacional brasileira muito rica. Mas antigamente a cultura era muito ligada à realidade dos EUA.

Numa exposição marcada pela presença do desenho, em cada desenho há pequenos segredos, como algumas frases de significado encriptado. Como exemplo há esta: «Para aqui está, para aqui fica, ninguém sabe onde». O que significa isto?

É uma frase mítica da minha família. Tem a ver com um tesouro enterrado no jardim. Estamos a falar de princípio do século XX. Morre um familiar no monte alentejano, da parte do meu pai e do meu avô, Rosado da Fonseca. Ele está a morrer, vira-se para a mulher para lhe dizer uma coisa importante. Olha para a janela e diz: "para aqui está, para aqui fica, ninguém sabe onde". Com esta frase ele supostamente terá desvendado o local exacto onde estaria o tesouro. Um tesouro que pertencia a um frade da família na época das invasões francesas. Nessa altura houve muita gente que pôs as suas coisas em poços, paredes falsas ou buracos...

No teu trabalho existe sempre o mito e o ego do artista. Tu brincas com isso de forma muito irónica...

Confesso uma coisa: gosto disso, porque se não gostasse não expunha. Gosto de uma boa festa!